

BOLETIM ESPECIAL – MULHER E TRABALHO NO BRASIL E PERNAMBUCO



UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE PERNAMBUCO

Observatório do Mercado de Trabalho de Pernambuco | OMT-PE

Edição Especial Nº 1 – 2017

APRESENTAÇÃO

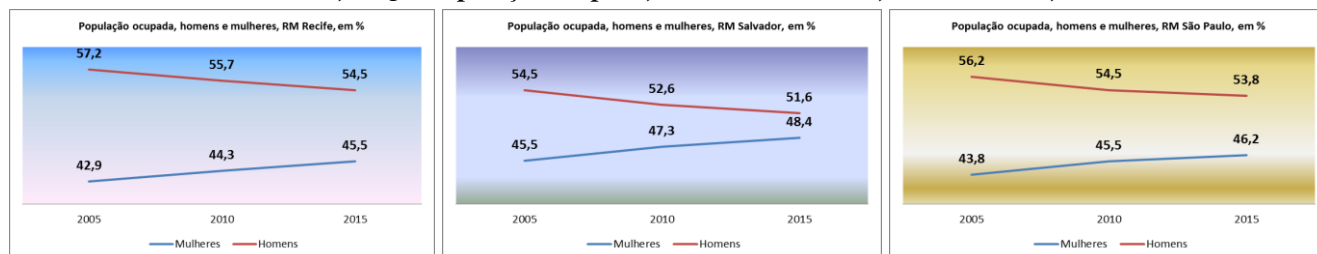
Este boletim especial tem como temática específica a situação da mulher no universo laboral, trazendo dados para Brasil, Pernambuco e Região Metropolitana do Recife (RMR). Em princípio, tem-se que segue aumentando a importância da mulher no mundo do trabalho brasileiro, embora ainda sua inserção se dê, de modo geral, em condições inferiores às masculinas.

Os dados utilizados foram extraídos da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e Cadastro Geral de Emprego e Desemprego (CAGED), ambos do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE); da Pesquisa Mensal de Emprego, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), também do IBGE.

EVOLUÇÃO DAS OCUPAÇÕES POR SEXO/GÊNERO

Começando pela evolução da ocupação¹, foram utilizados os dados da Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE a fim de acompanhar como se comportou a distribuição das ocupações por sexo. Para fins de comparação com a RMR, escolheu-se uma RM de aspectos sociais, demográficos e econômicos similares – Salvador (BA) – e uma que já se constituísse em um agregado socioeconômico mais dinâmico e com um mercado de trabalho mais estruturado e desenvolvido – São Paulo (Gráficos 1, 2 e 3).

Gráficos 1, 2 e 3 – População ocupada, homens e mulheres, várias cidades, em %



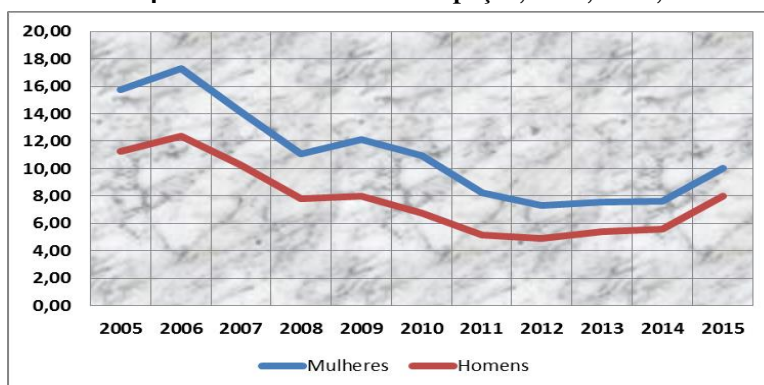
Fonte: Pesquisa Mensal de Emprego, IBGE. Elaboração: OMT-PE.

¹ Define-se população ocupada (PO) como sendo o conjunto formado pela soma: de empregados (que possuem ou não carteira de trabalho assinada); conta própria (aqueles que exploram uma atividade econômica ou profissão, sem empregados); empregadores e não remunerados (os que desempenham alguma atividade econômica, sem remuneração, pelo menos 15 horas na semana).

Os dados apontam, nas três metrópoles selecionadas, para uma maior participação da mulher no universo ocupacional em dez anos (2005-2015). O que se afigura em princípio como uma evolução favorável ao movimento de autossuficiência econômica feminina. Não obstante, é um processo em curso, sendo que ainda persiste (em Salvador, em bem menor grau) uma diferença sensível de participação de homens e mulheres na ocupação econômica.

As diferenças entre homens e mulheres aparecem nitidamente quando se observam as taxas de desocupação (Gráfico 4), agora apenas para a Região Metropolitana do Recife (embora as RMs de Salvador e São Paulo exibam as mesmas tendências gerais).

Gráfico 4 – Taxas médias de desocupação, HxM, RMR, em %



Fonte: Pesquisa Mensal de Emprego, IBGE. Elaboração: OMT-PE.

Obs. 1: Homens e mulheres com 10 anos ou mais, ocupados na semana de referência.

Obs. 2: A taxa média foi calculada a partir das taxas mensais dos anos de referência.

As taxas médias de desocupação de homens e mulheres mostram um *gap* persistente entre elas, seja em períodos de forte atividade econômica, seja em períodos de desaceleração, estagnação ou recessão. Na série em foco, 2006 foi o ano de maiores taxas de desocupação, e 2012 foi o ano com as menores taxas – inclusive, se se considerasse apenas os homens ocupados, ter-se-ia uma desocupação “friccional”, típica de economias em pleno emprego. O *gap* parece diminuir ligeiramente a partir de 2013, o que não muda a tendência fundamental: as taxas de desocupação são sempre maiores entre as mulheres.

Voltando à ocupação, utilizando-se agora os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), a ocupação feminina e masculina pode ser distribuída por faixas de escolaridade, ou de anos de estudo (Gráficos 5 e 6). Tanto para Brasil quanto para Pernambuco – e neste de modo ainda mais acentuado –, as mulheres ocupadas são maioria na faixa de maior escolaridade. Os homens ocupados lideram amplamente nas faixas de menor escolaridade, e quando na penúltima faixa de maior escolaridade, ainda lideram, mas por pouco. O que indica que as mulheres ocupadas possuem em média uma escolaridade superior à dos homens.

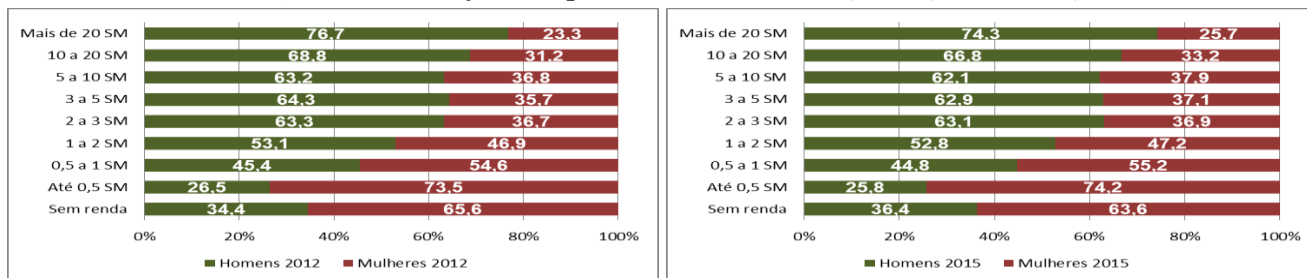
Gráficos 5 e 6 – Distribuição HxM por faixas de anos de estudo, Brasil e Pernambuco, 2015, em %



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Elaboração: OMT-PE.

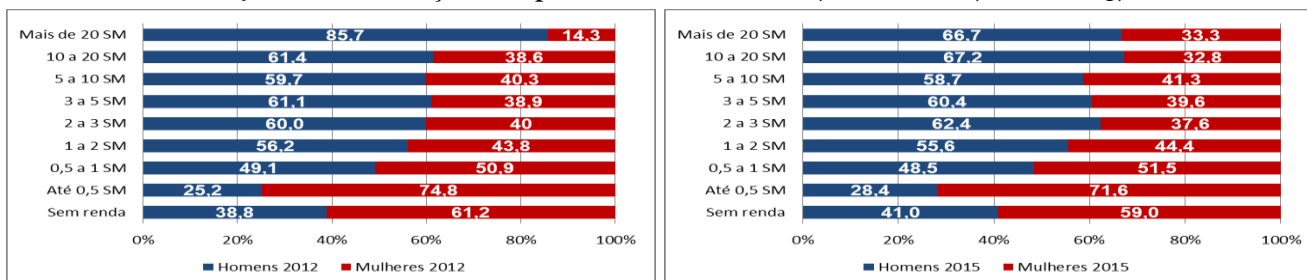
Os Gráficos 7, 8, 9 e 10 trazem a desagregação dos ocupados por sexo e classes de rendimento.

Gráficos 7 e 8 – Distribuição HxM por faixas de rendimento, Brasil, 2012 e 2015, em %



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Elaboração: OMT-PE.

Gráficos 9 e 10 – Distribuição HxM por faixas de rendimento, Pernambuco, 2012 e 2015, em %



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Elaboração: OMT-PE.

Tanto para o Brasil quanto para Pernambuco, tem-se que, quanto mais elevada a classe de rendimentos, maior a presença masculina proporcionalmente às mulheres, e vice-versa. A partir da faixa entre 1 e 2 salários mínimos, os homens tomam a dianteira. Entre 2012 e 2015, contudo, as mulheres foram lentamente diminuindo sua desvantagem nas faixas de rendimento mais elevadas, tanto nacionalmente quanto em Pernambuco. Não obstante, no caso pernambucano, entre 2012 e 2015, os homens aumentaram ainda mais sua dianteira na faixa de 10 a 20 salários mínimos, embora tivessem observado uma diminuição significativa de sua superioridade na faixa dos rendimentos mensais superiores a 20 salários mínimos.

Analisando-se em conjunto os dados relativos a escolaridade e rendimento, tem-se que o maior número de anos de estudo por parte das mulheres não se traduziu em rendimentos mais elevados em relação aos homens. A seguir, passaremos à questão de gênero e trabalho no que diz respeito ao mercado laboral formal.

EVOLUÇÃO E PERFIL DO EMPREGO FORMAL POR SEXO/GÊNERO

Iniciemos a exposição dos dados relativos ao mercado formal de trabalho destacando o estoque total de vínculos formais de trabalho no Brasil e Pernambuco (Tabela 1). Para tanto, utilizou-se a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho. O dado a ser ressaltado é que, de 2005 a 2015, as mulheres ampliaram sua participação relativa e absoluta no mercado formal de trabalho, enquanto os homens diminuíram sua participação (embora também tivessem aumentado em termos absolutos). Nisso o mercado formal de trabalho, no tocante à presença de homens e mulheres empregados, acompanha a tendência observada para o peso feminino nas ocupações em geral (como visto no item anterior).

Tabela 1 – Estoque de vínculos formais, H x M, Brasil e Pernambuco

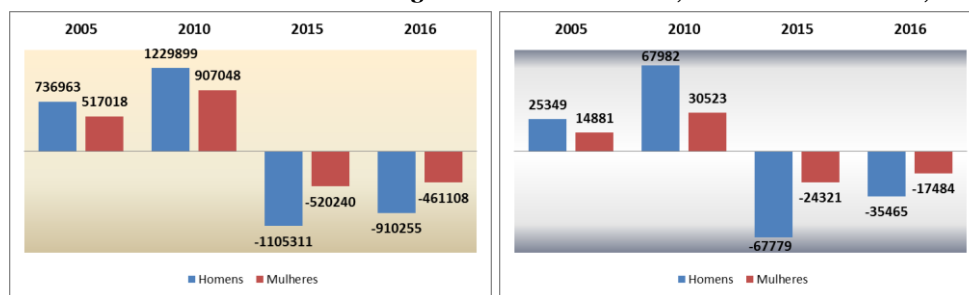
	2005		2010		2015	
	N	%	N	%	N	%
BR – Homens	19832111	59,7%	25752758	58,4%	27061695	56,3%
BR – Mulheres	13406506	40,3%	18315597	41,6%	20999112	43,7%
PE – Homens	658933	60,1%	927187	60,3%	959687	57,5%
PE – Mulheres	436618	39,9%	609439	39,7%	710648	42,5%

Fonte: RAIS/M.T.E. Elaboração: OMT-PE.

Em relação aos saldos gerados pelo mercado de trabalho formal (Gráficos 11 e 12), utilizou-se o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do MTE, em que os saldos mensais foram agrupados por ano. Observam-se, primeiramente, os movimentos típicos de saldos positivos em momentos de bom desempenho econômico, e saldos negativos nos períodos de estagnação ou recessão, que valem para ambos os sexos.

É digno de nota, também, que as variações nos saldos são sempre mais intensas entre os homens do que entre as mulheres – nos anos de bonança, os saldos positivos são maiores para os homens, e nos de vacas magras, os saldos negativos também são piores para eles.

Gráficos 11 e 12 – Saldos anuais de vagas formais de trabalho, Brasil e Pernambuco, em %



Fonte: CAGED/M.T.E. Elaboração: OMT-PE.

Para observar a evolução dos empregos femininos e masculinos por grau de escolaridade, utilizou-se a RAIS (Tabela 2). Aqui, uma vez mais o mercado formal de trabalho observa a mesma tendência já surgida no conjunto mais amplo das ocupações: as mulheres assalariadas possuem em geral uma escolaridade superior à dos homens, e no período observado elas deixam os níveis inferiores de escolaridade em velocidade maior do que os homens, que assim mantinham números maiores de trabalhadores do que as mulheres nas faixas de escolaridade até o nível médio incompleto. Em toda a série temporal, as mulheres superavam os homens em todas as faixas acima do nível médio completo, e no nível superior completo seu número era mais que o dobro do masculino. Em termos absolutos, as faixas de escolaridade que concentravam maior número de mulheres (e também de homens, embora sempre atrás) eram, por ordem decrescente, o médio completo e o superior completo.

Tabela 2 – Estoque de vínculos formais, H x M, por grau de escolaridade, Pernambuco, em %

ESCOLARIDADE	2006*		2010		2015	
	M	H	M	H	M	H
Analfabeto	0,66	3,85	0,44	2,57	0,16	1,46
Até 5ª Incompleto	3,39	11,79	1,87	9,48	1,46	6,83
5ª Completo Fundamental	2,51	6,80	1,85	5,43	1,27	3,73
6ª a 9ª Fundamental	4,78	10,71	3,46	9,60	2,68	7,10
Fundamental Completo	18,96	16,52	15,21	14,02	4,35	8,81
Médio Incompleto	5,33	7,96	4,47	7,52	3,89	6,79
Médio Completo	39,36	30,79	45,55	39,30	50,45	48,72
Superior Incompleto	4,78	2,86	5,06	2,94	4,64	3,03
Superior Completo	19,99	8,56	21,69	8,87	30,29	12,99
Mestrado	0,19	0,15	0,33	0,21	0,64	0,42
Doutorado	0,04	0,03	0,07	0,06	0,18	0,13
Total	100	100	100	100	100	100

Fonte: RAIS/M.T.E. Elaboração: OMT-PE.

(*) – No momento da coleta dos dados não havia dados disponíveis na RAIS para o ano de 2005.

Os dados permitem ressaltar também o seguinte. Na faixa do médio completo, os homens ficavam bem atrás das mulheres em 2006 (31%, contra 39% das mulheres), mas seu crescimento até 2015 foi bem maior (quase o dobro do ritmo de crescimento feminino), e neste ano eles ficavam, nesta faixa, apenas ligeiramente atrás do contingente feminino (48%, contra 50% das mulheres). Na faixa do ensino superior completo, tanto homens quanto mulheres cresceram quase no mesmo ritmo (os homens discretamente mais), e em 2015 a vantagem feminina permanecia quase a mesma de dez anos antes. Finalmente, nos níveis mais altos de escolaridade – mestrado e doutorado – o crescimento feminino foi bem superior ao masculino, ampliando a vantagem das mulheres.

Em relação aos rendimentos do trabalho, a Tabela 3 traz os trabalhadores masculinos e femininos distribuindo-os por faixas de rendimento (em salários mínimos), entre 2005 e 2015. A fim de tentar dar maior visibilidade às diferenças (e similaridades) entre homens e mulheres, optou-se por um agrupamento de faixas salariais distinto do disponível pela RAIS.

Tabela 3 – Estoque de vínculos formais, H x M, por faixa salarial, Pernambuco, em %

Faixa salarial	2005		2010		2015	
	M	H	M	H	M	H
Até 1 SM	9,6	7,7	10,4	7,8	8,0	5,4
1 a 3 SMs	70,2	70,0	71,7	74,2	71,3	75,3
3 a 7 SMs	14,4	15,5	13,3	12,5	15,5	13,4
Mais de 7 SMs	5,9	6,8	4,7	5,5	5,2	5,8
TOTAL	100	100	100	100	100	100

Fonte: RAIS/M.T.E. Elaboração: OMT-PE.

Primeiramente, na faixa de rendimentos até 1 salário mínimo, as mulheres têm uma participação maior do que os homens, que se manteve ao longo do tempo, embora diminuísse a participação de ambos os sexos nesta faixa, em relação às demais faixas. Na “sub-faixa” de rendimentos até meio salário mínimo, porém, houve um aumento ao longo dos anos, tanto para homens quanto para mulheres. Não obstante, esta sub-faixa representa uma fração muito pequena da primeira faixa.

Na segunda faixa – rendas do trabalho de 1 a 3 salários mínimos –, tanto as mulheres quanto os homens têm a maior parte de seus vínculos. Em dez anos, os homens ampliaram sua participação nesta faixa, superando as mulheres. A sub-faixa de 1 a 1,5 salários mínimos representa a maior parte da faixa 2 (entre 54 e 64% do total da mesma), e nela as mulheres estão sempre na frente. Já na sub-faixa de 2 a 3 SMs, as mulheres estão sempre atrás dos homens, e ainda perderam participação entre 2005 e 2015.

Na terceira faixa aqui proposta – rendas de 3 a 7 salários mínimos –, em 2005 os homens estavam à frente das mulheres, o que se reverteu já em 2010 e continuou em 2015. Por fim, na quarta faixa – salários superiores a 7 SMs –, observa-se que os homens estão sempre na frente, em todos os anos da série. E, refletindo a crise econômica, em 2015 houve queda de participação dos empregos nesta faixa – tanto para homens quanto para mulheres.

Entre 2005 e 2015, na faixa 1 (até 1 SM), a participação do emprego masculino caiu 16,1%; a do feminino, 29,2%; na faixa 2 (1 a 3 SMs), a participação masculina cresceu 1,6%, contra 7,6% da feminina; na faixa 3 (3 a 7 SMs), a participação dos homens cresceu 7,7%, e a das mulheres *caiu* 13,4%; finalmente, na faixa 4 (mais de 7 SMs), tanto homens quanto mulheres caíram: -11,8% e -14,3%, respectivamente. Em suma, no período houve uma redistribuição dos empregos masculinos e femininos pelas faixas de renda, na qual os homens se afirmaram nas faixas de maior rendimento em relação às mulheres.

Ou seja, a maior escolaridade média das mulheres não se reflete em maiores salários. Na verdade, nem mesmo em uma mesma faixa de escolaridade as mulheres conseguem salários maiores ou sequer iguais aos dos homens. De acordo com os dados relativos às faixas mais elevadas de escolaridade – superior completo, mestrado e doutorado (Tabela 4) – para o ano de 2015, as médias salariais nominais das mulheres são sempre inferiores às masculinas, na mesma faixa de escolaridade.

Tabela 4 – Vínculos formais nas faixas mais altas de escolaridade, H x M, Pernambuco, 2015, em R\$

Faixa de escolaridade	M	F
Superior Completo	5.328,91	3.452,31
Mestrado	5.659,28	4.702,91
Doutorado	8.563,66	6.991,04
Média das 3 faixas	5.369,22	3.497,66

Fonte: RAIS/M.T.E. Elaboração: OMT-PE.

Analisando-se agora os vínculos formais de trabalho de mulheres e homens pela natureza jurídica especial dos estabelecimentos em que trabalham, a Tabela 5 traz os dados em questão. Por sua natureza jurídica, os estabelecimentos em que as mulheres são maioria são, “setor público – outros²”, “setor público municipal” e “setor público estadual”.

Tabela 5 – Vínculos formais por natureza jurídica especial do estabelecimento, H x M, Pernambuco, 2015, em %

Natureza Jurídica Especial	F	M
Setor Público - Outros	72,5	27,5
Setor Público Municipal	66,5	33,5
Setor Público Estadual	54,3	45,7
Entidades sem Fins Lucrativos	45,8	54,2
Setor Público Federal	42,0	58,0
Entidade Empresa Privada	36,0	64,0
Entidade Empresa Estatal	28,6	71,4
Pessoa Física e outras Organizações Legais	22,2	77,8

Fonte: RAIS/M.T.E. Elaboração: OMT-PE.

Ou seja, em relação ao setor público, as mulheres estão em maioria nos entes municipais e estaduais, de remuneração em geral mais baixa. Já os homens são maioria expressiva como pessoas físicas, empresas estaduais, empresas privadas e no setor público federal.

Enfocando-se agora as ocupações mais comuns para as mulheres em Pernambuco, a Tabela 6 traz os resultados, utilizando a classificação da Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) na forma de principais subgrupos de ocupações.

Tabela 6 – Grupos de ocupação com maior presença de mulheres, Pernambuco, 2015

OCUPAÇÃO (SUBGRUPO PRINCIPAL, CBO)	N	%*
ESCRITURARIOS	131008	18,6
TRABALHADORES DOS SERVICOS	122836	17,4
PROFISSIONAIS DO ENSINO	81062	11,5
TRABALHADORES DE ATENDIMENTO AO PUBLICO	75083	10,6
VENDEDORES E PRESTADORES DE SERVICOS DO COMERCIO	67986	9,6
PROFESSORES LEIGOS E DE NIVEL MEDIO	30460	4,3
TECNICOS DE NIVEL MEDIO DAS CIENCIAS BIOLOGICAS, BIOQUIMICAS, DA SAUDE E AFINS	30239	4,3
PROFISSIONAIS DAS CIENCIAS BIOLOGICAS, DA SAUDE E AFINS	24649	3,5
MEMBROS SUPERIORES E DIRIGENTES DO PODER PUBLICO	20690	2,9
PROFISSIONAIS DAS CIENCIAS SOCIAIS E HUMANAS	19499	2,8

Fonte: RAIS/M.T.E. Elaboração: OMT-PE. (*) – Refere-se ao percentual da ocupação sobre o total de ocupações.

² Esta classificação abrange entes do poder público que não pertencem à administração direta e aos poderes legislativo e judiciário, como, por exemplo, autarquias e fundações públicas, tribunais de contas, ministérios públicos diversos etc. <http://concla.ibge.gov.br/classificacoes/por-tema/organizacao-juridica.html>, acesso em 16/06/2017.

Deve-se destacar, primeiramente, que, entre as ocupações que mais possuem assalariados, não há grandes diferenças entre homens e mulheres. Por exemplo, das dez maiores ocupações entre as mulheres, metade também está no grupo das dez maiores ocupações para os homens. As duas maiores entre as mulheres – escriturárias e trabalhadoras nos serviços, nesta ordem – também são as maiores entre os homens (apenas invertendo-se a ordem de ambas). Mas, mesmo assim, os salários femininos seguem mais baixos. De acordo com dados da RAIS para o ano de 2015, o salário médio dos escriturários masculinos foi de R\$ 2.099,46, enquanto para as mulheres foi de R\$ 1.852,85. E, nos serviços, os homens receberam, em média, R\$ 1.329,46, contra R\$ 1.145,00 para as mulheres.

Finalmente, realizou-se uma investigação quanto à participação de mulheres nas ocupações que mais bem remuneravam em Pernambuco em 2015. A Tabela 7 traz as quinze ocupações de maior remuneração, a participação de homens e mulheres naquelas e seus respectivos salários mensais médios.

Tabela 7 – Ocupações de maior remuneração, participação e remuneração, H x M, Pernambuco, 2015

CBO Ocupação 2002	HOMENS			MULHERES			T
	N	%	\$ média	N	%	\$ média	
DIRETOR DE RISCOS DE MERCADO	1	100,0	36.329,5	0	0,0	0,00	1
TECNICO DE TRIBUTOS ESTADUAL	659	67,4	30.023,5	319	32,6	29.466,43	978
PROMOTOR DE JUSTICA	169	49,0	29.498,34	176	51,0	29.614,65	345
PROCURADOR DE JUSTICA	29	53,7	26.008,22	25	46,3	29.410,88	54
PROCURADOR AUTARQUICO	117	59,7	26.768,45	79	40,3	27.775,76	196
AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL	255	74,1	22.731,63	89	25,9	22.521,75	344
DIRETOR DE PROD. E OPER. IND. DE TRANSF., EXT. MINERAL E UTIL.	34	97,1	23.122,61	1	2,9	1.299,16	35
PROCURADOR DA FAZENDA NACIONAL	50	58,8	22.124,19	35	41,2	22.765,54	85
AUDITOR-FISCAL DO TRABALHO	76	65,0	21.754,88	41	35,0	21.073,83	117
ENGENHEIRO QUIMICO (PETROLEO E BORRACHA)	25	86,2	21.404,08	4	13,8	11.570,41	29
ENGENHEIRO NAVAL	30	96,8	19.860,53	1	3,2	13.302,80	31
PERITO CRIMINAL	55	85,9	19.304,49	9	14,1	20.054,77	64
ENGENHEIRO DE MINAS (PESQUISA MINERAL)	11	100,0	19.022,03	0	0,0	0,00	11
ENGENHEIRO MECANICO INDUSTRIAL	128	97,7	18.825,69	3	2,3	20.544,55	131
DIRETOR DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO (P&D)	11	100,0	17391,39	0	0,0	0,00	11
Total	1600	68,2	-	747	31,8	-	2347

Fonte: RAIS/M.T.E. Elaboração: OMT-PE.

O volume considerável de dados contidos na Tabela 7 permite diversas observações ou análises. Primeiramente, deve-se notar que algumas ocupações importantes (e normalmente lembradas por suas elevadas remunerações em média), não aparecem³. Segundo, em relação às ocupações mais bem remuneradas, elas se espalham pelos setores público (promotores, procuradores, auditores etc.) e privado (engenheiros, diretores executivos etc.).

Terceiro, na soma total das ocupações mais bem remuneradas – que em Pernambuco correspondiam à diminuta soma de 2.347 vínculos formais em 2015 –, as mulheres claramente aparecem em desvantagem. Enquanto elas ocupavam 31,8% destas vagas, os homens preenchiam 68,2% das mesmas.

Em quarto lugar, frequentemente, em uma mesma ocupação, as mulheres recebem uma remuneração menor do que a dos homens. Frequentemente mas não sempre: há ocupações em que elas percebem salários mais elevados do que os homens. O que leva ao quinto e último ponto: as mulheres estão em desvantagem nas 15 ocupações mais bem remuneradas – perdem de 10 a 5 –, e, das cinco ocupações em que superaram a remuneração

³ O subgrupo código CBO 111 aparece na RAIS, mas sua desagregação por ocupações (código CBO 1111 – legisladores; 1112 – dirigentes gerais da administração pública; 1113 – magistrados; 1114 – dirigentes do serviço público; e 1115 – gestores públicos), não está disponível para consulta pública.

neração dos homens, quatro estavam no setor público. Com efeito, ao se levantar, somente para as mulheres, as dez ocupações mais bem remuneradas, tem-se que 8 delas estão no setor público⁴.

SÍNTESE DE RESULTADOS

Façamos agora uma tentativa de síntese dos resultados obtidos, que valem principalmente para o período 2005-2015, em Pernambuco. Em relação ao universo *ocupacional*, tem-se que:

- As mulheres vêm aumentando sua participação no total da população ocupada.
- Existe um *gap* persistente entre mulheres e homens quanto à taxa de desocupação, em desfavor das mulheres, cujas taxas são sempre superiores às masculinas.
- Em relação à população ocupada e variável “anos de estudo”, as mulheres são maioria na faixa mais alta de escolaridade. Contudo, a se considerar a variável rendimento, elas são maioria nas faixas de menor renda.

Já relativamente ao subconjunto do mercado de trabalho formal, tem-se que:

- Aumentou a participação feminina no total de vínculos empregatícios formais.
- Os saldos femininos (positivos ou negativos) acompanham em geral os masculinos, embora oscilem em menor grau (os saldos masculinos positivos são sempre melhores do que os femininos, e os negativos, sempre piores).
- As mulheres exibem em geral níveis de escolaridade superiores aos homens. Mas, novamente, isso não se reflete em salários maiores do que os masculinos.
- Em uma mesma faixa de escolaridade, a mulher tende a receber um salário menor.
- As mulheres ocupam em maior medida postos em estabelecimentos públicos diversos, com exceção do setor público federal. Homens são maioria em empresas, privadas ou públicas.
- Os grupos de ocupação com maior número de empregos para mulheres são em atividades como escriturárias, serviços, ensino, atendimento ao público, vendedoras etc.
- Nas ocupações mais bem remuneradas, as mulheres ocupam espaço significativamente menor do que os homens. Não obstante, as ocupações que pagam melhor as mulheres do que os homens estão quase todas localizadas no setor público.

⁴ São estas ocupações, por ordem decrescente de remuneração: promotora de justiça, técnica de tributos estaduais, procuradora de justiça, procuradora autárquica, procuradora da fazenda nacional, auditora fiscal da receita federal, auditora fiscal do trabalho, engenheira mecânica industrial e diretora de ões em serviços de transporte (RAIS/MTE, 2015, elaboração própria).

Universidade Federal de Pernambuco
Anísio Brasileiro de Freitas Dourado
Reitor

Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Maria da Conceição Lafayette de Almeida
Diretora

Departamento de Sociologia
Emílio de Britto Negreiros
Chefe

Observatório do Mercado de Trabalho
Cristiano Wellington Norberto Ramalho
Sidarta Soria
Coordenadores

Clara de Lima Hordonho
Daiana Angelo
Fabiana Bernardino
Francisco Jatobá de Andrade
Inã Cândido
Jean Maciel da Costa Silva
Jonathan Cartaxo Lopes
Patrícia Marília Felix da Silva
Ramona Raissa do Nascimento Guerra Melo Ribeiro
Romero Maia
Stephanie Gueiros
Victor de Oliveira Rodrigues

Membros

CONTATO

Universidade Federal de Pernambuco
Observatório do Mercado de Trabalho de Pernambuco
Av. Prof. Moraes Rego, 1235 – Cidade Universitária, Recife – PE, 50.670-901
Fone: (81) 2126-8280
E-mail: observatoriodotrabalhoufpe@gmail.com ou sidarta.soria@ufpe.br
Sites:
<https://omtpe.wordpress.com/>
<https://www.facebook.com/observatoriodomercadodetrabalhodepernambuco/>